

TROQUÉIS CAMBIÁVEIS

Ao se falar de troquéis, obviamente, os materiais e as técnicas de moldagem devem ser abordados. Também devem ser citadas as moldagens de casquetes, de transferência única e dupla, com moldeira de estoque, com moldeira de fundo falso, etc. Mas existem polêmicas que têm levado os leitores mais as dúvidas do que aos esclarecimentos. Algumas originadas de traduções imprecisas de livros, onde uma terminologia pode ser interpretada de um modo diferente por um tradutor. Uma destas polêmicas é considerar os poliéteres como materiais hidrofílicos.

Isto não é correto, pois entre os elastômeros, o poliéter é o que têm uma muito pequena afinidade pela água, mas daí dizer que o poliéter é um material hidrofílico, pode-se incorrer num erro. Esta propriedade só existe no grupo dos hidrocolóides, como os alginatos e hidrocolóides reversíveis. Sabemos que jamais poderemos usar um molde de hidrocolóide mais de uma vez. O que não ocorre com os moldes de elastômeros, visto que dependendo do tempo podemos usá-los mais de uma vez.

Os elastômeros, tal como as siliconas de condensação e adição, mercaptanas e poliéteres, permitem até os troquéis cambiáveis. É fácil realizar este teste. De um mesmo modelo mestre fazemos moldes com diversos elastômeros. O quadrante servirá de mudança entre os vários troquéis obtidos dos diversos moldes, e vamos verificar que uma restauração encerada, fundida e adaptada num determinado troquel, se adaptará muito bem em outro, obtido de um elastômero diferente. O conceito moderno de materiais de moldagem e modelagem é o de que após a moldagem deve-se obter imediatamente o modelo. No entanto sabemos que no grupo dos elastômeros este conceito pode ser momentaneamente revisto, pois são materiais que possuem uma boa estabilidade dimensional, e permitem a mudança dos troquéis.

Estas afirmações, naturalmente, dependem de como foi executado o trabalho, porque em se tratando de moldagem, as variáveis são fáceis de acontecer. Chamamos a atenção nesta dica de troquéis, para a hipótese da necessidade de obtermos mais de um troquel de um mesmo molde de elastômero. Devemos usar a primeira modelagem como a principal, e pode ser feita uma segunda deste mesmo molde que destacamos. É só verificar se não houve alteração no ato do destaque, e verificar o tempo mínimo possível. Mas o processo de passar água do gesso para os elastômeros, materiais que são considerados repelentes de água, é um paradoxo. Somente os poliéteres têm um pequeno percentual de absorção, mas que não interfere na funcionalidade do material, e isto não habilita sua denominação como hidrófilo no processo.

O gesso como material de modelagem só flui no molde quando vibrado. Leva tão pouca água, que só corre para os pequenos detalhes do molde quando colocado nas laterais dos detalhes, e escoar por vibração fraca para não dar bolha de ar. O gesso chega a ter forma geométrica bem definida sem escoamento, por isso é colocado aos poucos nas laterais das cavidades. Repetimos, só a vibração destrói esta forma geométrica do gesso, fazendo-o escoar para as cavidades. Tudo isto parece ser repetitivo, mas é importante. Uma bolha de ar põe a perder um modelo, e estes troquéis não podem ser cambiáveis.

Outra preocupação é forçar a incrustação no modelo de gesso. Se o modelo possui uma proteção de superfície, esta vai acusar se está sendo agredida, forçando uma adaptação, o que na boca não estará acontecendo. Daí pode ocorrer o insucesso. Este artigo relata experiências do dia-a-dia nos consultórios dentários, e soluções acadêmicas de como usar os materiais corretamente para se obter o sucesso nas próteses.